



# GUIA DE AÇÕES PARA A biodiversidade

# ÍNDICE

## 03 GUIA DE AÇÕES PARA A BIODIVERSIDADE: INTRODUÇÃO

### Formalizando os direitos das comunidades indígenas e locais

#### 05 RESUMO DA ESTRATÉGIA

06 **AUSTRÁLIA** \* Gestão comunitária de terras e águas

07 **CANADÁ** \* Reserva do Parque Nacional Thaidene Nënë

08 **QUÊNIA** \* Pesca costeira de polvo

### Financiamento para um futuro duradouro

#### 09 RESUMO DA ESTRATÉGIA

10 **COSTA RICA** \* Projeto Financiamento para a permanência

11 **ESTADOS UNIDOS** \* Compensação da biodiversidade

12 **MÉXICO** \* Seguros e restauração de recifes

13 **GABÃO** \* Proteção 30x30

### Ampliando a liderança comunitária

#### 14 RESUMO DA ESTRATÉGIA

15 **PARÁ, BRASIL** \* A sociobioeconomia da Amazônia

16 **COLÔMBIA** \* Gestão comunitária de habitats

17 **QUÊNIA** \* Proteção comunitária de água doce

18 **TAILÂNDIA** \* Pecuária regenerativa

### Alívio e reestruturação de dívidas

#### 19 RESUMO DA ESTRATÉGIA

20 **SEYCHELLES** \* Títulos azuis (Blue bonds)

### Planejamento e gestão territorial

#### 21 RESUMO DA ESTRATÉGIA

22 **CHINA** \* Desenvolvimento do sistema de parques nacionais

23 **MONGÓLIA** \* Planejamento e parcerias para a conservação de habitats

24 **MONTENEGRO** \* Proteção de água doce

25 **ESTADOS UNIDOS** \* Localização de energia solar

26 **ESTADOS UNIDOS** \* Reintrodução de alces nos Apalaches

# Introdução



**Jeffrey Parrish**

*Diretor Global,  
Proteção de Oceanos,  
Terras e Águas*

**A HORA É AGORA.** Esta é a última década na qual podemos lidar com as crises interligadas da biodiversidade e clima enfrentadas por todos os cidadãos desse planeta.

Precisamos da

## **NATUREZA AGORA.**

Como conservacionistas, líderes e formuladores de políticas, precisamos aceitar o fato de que nossas vidas e economias dependem fundamentalmente do futuro da natureza — e precisamos lidar com o implacável tempo.

Desde 1970 — o ano em que nasci — já perdemos 68% da população de vertebrados. E esse número sobe para 83% se considerarmos a biodiversidade de água doce. De fato, publicações científicas recentes demonstram que um terço das espécies de água doce e marinhas correm risco de extinção, destruindo os fios que compõem a tapeçaria que une nosso frágil planeta e seu clima. As mudanças climáticas têm exacerbado as consequências ecológicas e econômicas de nossas históricas escolhas falhas.

Em 2021, a Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica (CBD) anunciou que a meta de proteger 17% dos habitats terrestres foi atingida na década anterior. Essa é uma grande conquista e deve ser comemorada.

Mas a ciência deixa claro que a biodiversidade global continua diminuindo a um ritmo alarmante e que precisamos atingir um marco de 30% de proteção da natureza na próxima década ou teremos consequências desastrosas para o clima, ar, nossos sistemas alimentares, nossa saúde e nossos recursos. Em alguns lugares, os 30% podem não ser suficientes.

Não podemos falhar. Para enfrentar o desafio duplo das crises de biodiversidade e clima, precisamos de novas soluções e parcerias amplas. Precisamos almejar alto — usando coletivamente estratégias de proteção, gestão e restauração para atingirmos um futuro positivo para a natureza do nosso planeta. Precisamos lutar por um ganho de diversidade global líquido, apesar dos muitos desafios que impedem nosso sucesso.

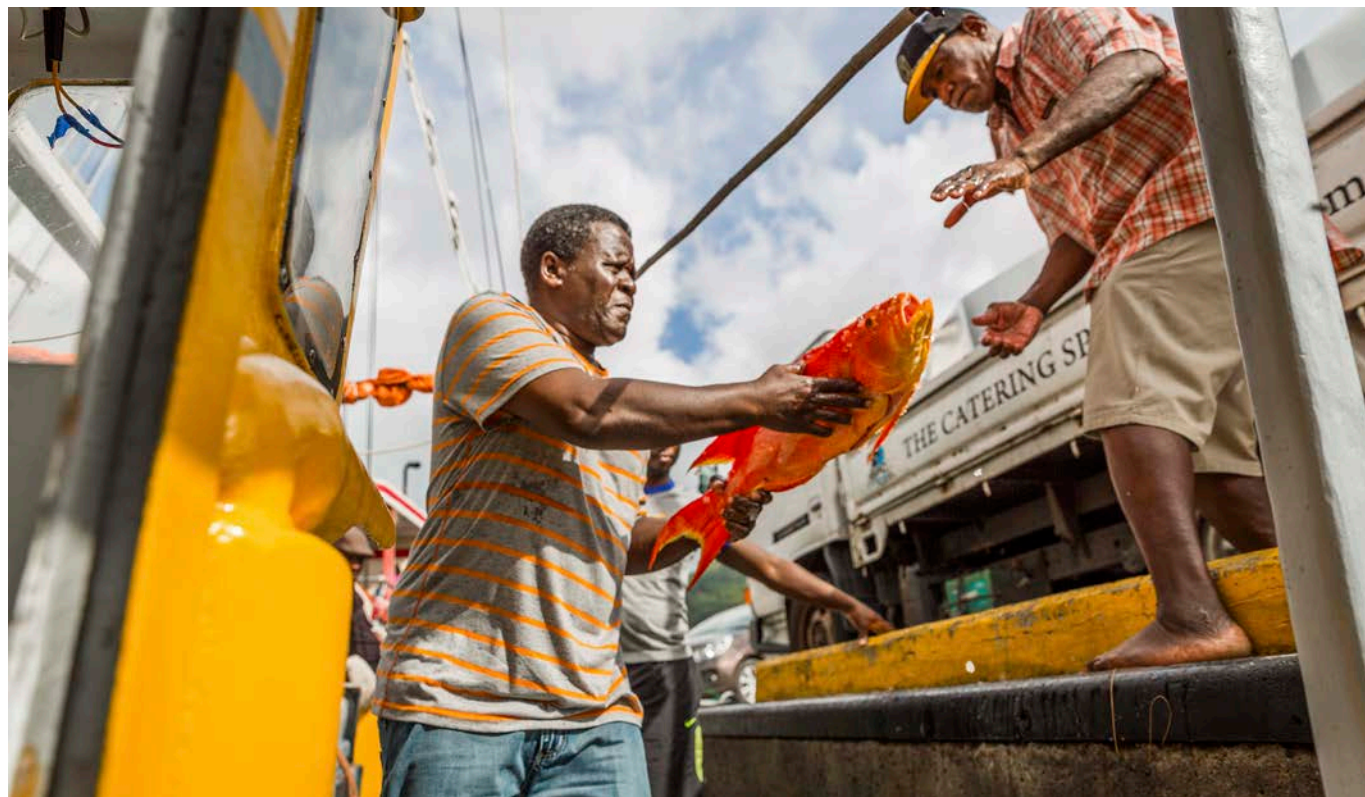


COSTA RICA © ALEJANDRO VELASCO/CONCURSO DE FOTOS DA TNC 2019

À medida em que líderes de governos do mundo todo se preparam para definir novas metas globais de proteção da biodiversidade na Conferência das Partes da Convenção sobre Biodiversidade Biológica, estamos preparados para ajudar as nações a realizarem suas ambiciosas aspirações, a começar pelos seguintes princípios:

### **É NECESSÁRIO TER UMA PROTEÇÃO MAIOR E MAIS DIVERSA.**

Estou animado com os esforços da [Campaign for Nature](#) em aumentar suas metas ao propor que 30% dos habitats críticos sejam protegidos até 2030 — um marco na jornada para um planeta próspero. Precisamos também lembrar que proteção assume muitas formas — do novo sistema de parques nacionais da China, passando pelo esforços do Canadá de retornar terras, oceanos e rios aos indígenas, seus donos legítimos, a formas tradicionais de gestão de recursos e proteção. A implementação dos compromissos da CBD deve considerar todas as categorias de áreas protegidas da International Union for Conservation of Nature (IUCN) — e incluir “outras medidas efetivas de conservação baseadas em área” (OMECS), tais como trabalhar com povos indígenas e comunidades locais para melhorar a gestão de terras, oceanos e rios. Precisamos também reduzir a pressão por expansão que aumenta as ameaças aos habitats naturais (incluindo as áreas protegidas) ou a meta de 30% não ajudará globalmente a deter a perda de biodiversidade e avançar rumo à recuperação.



### **A PROTEÇÃO INCLUSIVA E O RESPEITO AOS POVOS INDÍGENAS E ÀS COMUNIDADES LOCAIS SÃO ESSENCIAIS.**

Juntos, podemos atingir ousadas metas globais que consideram uma gama completa de opções de proteção e trabalhar em parcerias autênticas e respeitosas com comunidades para gerir terras, oceanos e água doce de maneira responsável. Dados científicos recentes confirmam o que já sabíamos há muito tempo — que muitos povos indígenas fazem a gestão de suas terras em harmonia com a natureza há milênios. As ações de proteção mais eficazes são feitas junto às comunidades para garantir que elas se engajem, apoiem e se beneficiem de tais esforços.

### **A ÁGUA IMPORTA.**

Os 30% precisam representar a diversidade de vida na Terra nos biomas terrestres, marinhos e de água doce e a diversidade total dos ecossistemas que os compõem. A proteção das terras é vital para enfrentar as crises globais das mudanças climáticas e da perda da biodiversidade, mas os territórios sozinhos não podem resolver o problema do mundo. Os ambientes de água doce, mares nos litorais e de alto-mar são frequentemente não-priorizados por criadores de políticas públicas e ambientalistas. Sinto-me inspirado por nações como o Gabão, que se comprometeu publicamente com a proteção de 30% dos habitats terrestres, de água doce e marinhos na próxima década. E eu pessoalmente trabalho para dar mais destaque à proteção de água doce e oceanos na TNC e em toda a comunidade conservacionista.

### **A CONSERVAÇÃO DEVE SER CONTÍNUA.**

E enquanto nos apressamos para proteger mais ecossistemas do nosso planeta, precisamos garantir que essas ações de conservação e seus financiamentos sejam duradouros. Os esforços de conservação devem ser contínuos — isso [significa financiamento sustentável para preencher lacunas da natureza e enfrentar necessidades contínuas de gestão](#) e a inclusão de políticas adequadas, estrutura legal e apoio de comunidades para garantir que a conservação de áreas possa apoiar crises econômicas, agitação política ou até mesmo uma próxima pandemia. Essa não é tarefa só para a comunidade conservacionista. A proteção da biodiversidade deve ser integrada a todos os setores da economia, por meio de novas e corajosas parcerias que tornem o sucesso viável.

---

Este documento é um guia para alguns estudos de caso, estratégias e instrumentos que podem inspirar ações e assegurar o sucesso de nações soberanas que assumem compromissos ousados. Ainda assim, ter metas não é suficiente; a implementação na próxima década é fundamental.

Tenho certeza de que, com os esforços conjuntos dos setores público e privado para apoiar mutuamente essas metas, os próximos anos trarão a mudança de que precisamos. Podemos garantir o futuro da natureza baseados nos princípios de proteção da biodiversidade da CBD, uso sustentável e compartilhamento equitativo de recursos.

Eu acredito que no fim desta década poderemos olhar para trás e dizer que nos lembramos de quando as coisas começaram a melhorar, quando dissemos que a hora de proteger a natureza é agora. •

# Formalizando os direitos das comunidades indígenas e locais

**AO REDOR DO MUNDO**, há tempos os povos indígenas e comunidades locais protegem suas terras, oceanos e água doce em reciprocidade com a natureza, muitas vezes guiados por conexões profundas com o lugar, a cultura e sabedoria. Essas comunidades fazem a gestão coletiva de pelo menos um quarto das terras do mundo, 17% de todo o carbono das florestas e vastas extensões de habitats de água doce e marinhos. Essas tutela e gestão geralmente atingem grandes resultados de conservação e sustentam mais biodiversidade do que áreas protegidas por governos.



# AUSTRÁLIA

NA NOVA GALES DO SUL, AUSTRÁLIA, de suas terras tradicionais (ou país, como eles se referem a elas), os povos Nari Nari conseguem ver áreas úmidas de água doce com grandes colônias de aves aquáticas em seus ninhos, eucaliptos vermelhos nas margens e espécies antes em extinção, agora revigoradas. Eles também avistam fartas representações de seu patrimônio cultural, como as árvores cicatriz-da-sagrada-canoa e túmulos antigos.

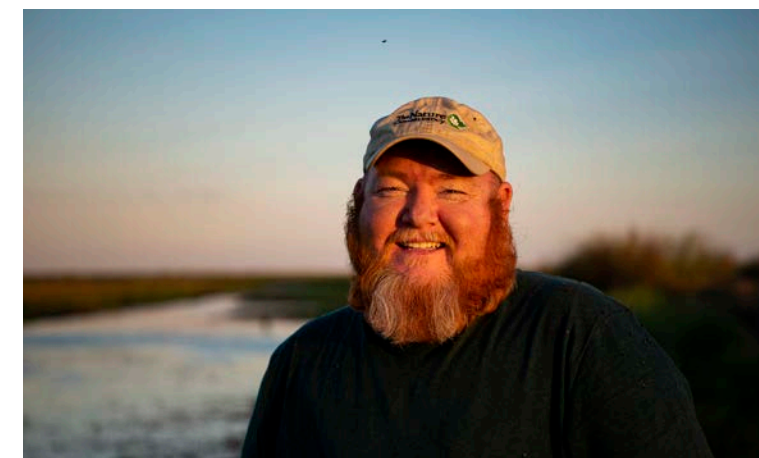
Depois da chegada dos colonizadores europeus na Austrália em 1788, os primeiros colonos tomaram as terras para si. Inicialmente, ceifaram a vegetação nativa e criaram uma rede de canais de irrigação para que os fluxos naturais de água beneficiassem uma crescente indústria de agricultura. A abordagem colonial de dividir e romper padrões ecológicos contrastava totalmente com os 50.000 anos anteriores de uma gestão mais sustentável por parte dos primeiros australianos. Depois da colonização da região, os povos Nari Nari, como outros representantes das First Nations ao redor do continente, testemunharam a divisão de seu país em um tabuleiro de jogo de dama da agricultura.

Mas, em 2013, os governos da Austrália e da Nova Gales do Sul compraram de volta 19 fazendas contíguas em um local conhecido como áreas úmidas Lowbidgee, de 87.816 hectares de extensão, com a meta de restaurar os valores ecológicos e culturais dessas várzeas de importância nacional. Juntos, a TNC, o Conselho Tribal Nari Nari e outros parceiros fizeram uma proposta por meio de um

processo aberto de licitação para gerir a propriedade. Em 2018, a proposta liderada pela TNC foi a vencedora e assim nasceu Gayini, que na língua Nari Nari quer dizer água. Em 2019, com a ajuda da TNC e nossos apoiadores, a posse legal da terra foi devolvida aos Nari Nari. Após quase dois séculos, os povos Nari Nari tiveram seus direitos como guardiões legítimos da terra restabelecidos.

Gayini agora faz parte de uma paisagem ainda maior de áreas úmidas e várzeas que inclui os parques nacionais Cumbung e Yanga. Juntas, as três propriedades formam um área contígua de mais de 1.800 quilômetros quadrados que agora são geridos para a conservação.

Para fortalecer os sistemas de terras e água doce de Gayini, o Conselho Tribal Nari Nari usa uma combinação de tecnologias tradicional e moderna para proteger as áreas de patrimônio cultural, remover grande número de animais não-domesticados e restaurar o fluxo natural de água das planícies de inundação. Com a melhora da saúde desses ecossistemas, áreas importantes de reprodução para vários animais selvagens estão ressurgindo, inclusive para aves ameaçadas, como a garça Australasian Bittern e o errante-das-planícies, ave criticamente ameaçada. Depois de quase 150 anos de desapropriação, os povos Nari Nari mantêm seu conhecimento tradicional e cultura vivos em Gayini enquanto cuidam de suas terras e da água doce, restaurando a saúde tanto de seu país quanto de sua cultura.



© ANNETTE RUZICKA

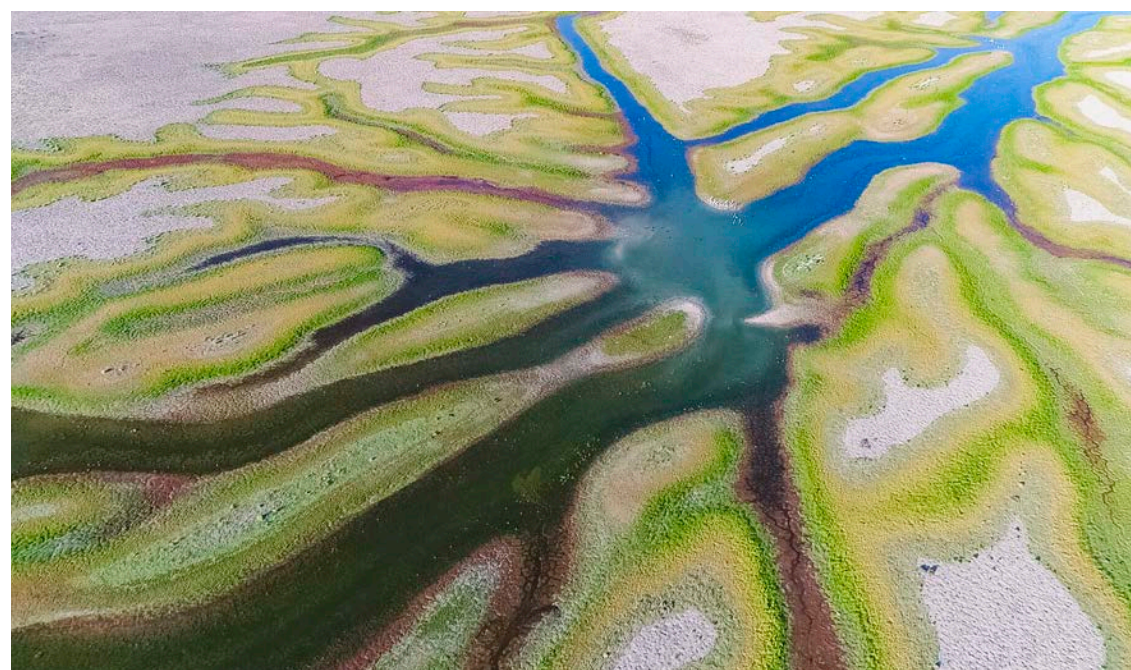
“**Sento-me aqui e penso em como esse lugar deveria ser há 50 mil anos. Fecho os olhos e digo “gente, como a água devia ser clarinha”. Mexilhões de água doce, uma abundância de espécie nativas, ver como as pessoas aqui cuidam do país. Eu adoraria voltar ao tempo e ver esse país daquele jeito.**”

- RENE WOODS, Nari Nari, The Nature Conservancy

A bacia Murray-Darling é uma das maiores e mais produtivas do mundo. Ela contribui com:

**US\$19 bilhões**  
de produção agrícola

**1/3**  
do abastecimento de alimentos da Austrália



© ANNETTE RUZICKA



# CANADÁ

THAIDENE NĒNÉ É UMA ÁREA VASTA DO BIOMA TUNDRA, de floresta boreal e penhascos rochosos nos Territórios do Nordeste canadense — habitat de caribus, ursos pardos e diversos tipos de aves. Por dezenas de milhares de anos, a paisagem armazenou carbono, sustentou a biodiversidade e, como o lugar de suas terras tradicionais, abasteceu os povos Łutsël K'é Dene das First Nations. Com uma crescente indústria mineira e outras ameaças ambientais batendo às suas portas, os líderes Łutsël K'é sabiam que a melhor maneira de proteger suas terras e meios de subsistência era por meio da formalização da região como área protegida—mas ao jeito deles.

Em um esforço de várias décadas, os Łutsël K'é Dene estiveram à frente da criação da área protegida Thaidene Nëné (“Terra dos Antepassados” na língua Denesuline), que cobre 26.304 quilômetros quadrados (aproximadamente do tamanho do Haiti) de terras intactas, que incluem hotspots de biodiversidade e o mais novo parque nacional do Canadá. O acordo histórico, assinado em agosto de 2019, estabeleceu Thaidene Nëné como uma área protegida que será cogerida pelos Łutsël K'é Dene First Nation e pelos governos territorial e federal do Canadá de acordo com as tradições e valores indígenas.

A nova área protegida tem o apoio do Fundo Thaidene Nënë, uma doação da TNC para o financiamento inicial de US\$15 milhões de apoio à gestão comunitária e diversificação econômica e uma verdadeira cogestão Indígena. Parte da doação financiará a implementação do recém-criado Programa Guardiã Ni Hat'Ni Dene, no qual os povos Łutsël K'é Dene trabalharão com seus jovens para gerir as terras e manter as tradições Indígenas.

Agora e para sempre, Thaidene Nënë protegerá as florestas subárticas e a tundra, os ursos pardos, lobos, peixes e caribus, as antigas florestas boreais que armazenam carbono e algumas das mais limpas águas doce do mundo e as práticas culturais e a pátria Łutsël K'é Dene. O sucesso de Thaidene Nënë demonstra o impacto da formalização dos direitos dos povos indígenas a suas terras e ao seu sustento. Ao proteger seu território tradicional do uso industrial, os Łutsël K'é Dene têm uma relação recíproca com a terra que é excepcionalmente eficaz na proteção da natureza. Thaidene Nënë é um exemplo brilhante da maneira como a liderança Indígena encabeça os esforços na proteção da biodiversidade global.



**Meu interesse em ser membro do conselho consultivo era o de proteger Thaidene Nënë. Junto com outros membros do conselho, garantimos a proteção de terras, água e animais. Queríamos assegurar que nosso modo de vida não seria interrompido e que poderíamos continuar a viver da maneira como temos feito desde tempos imemoriais.**

- ADELINE JONASSON, ex-cacique e conselheira dos Łutsël K'é Dene



© PAT KANE



**6,5 MILHÕES**

A área protegida Thaidene Nënë tem 6,5 milhões de hectares que protegem um ecossistema que se estende por mais de 18 milhões de hectares.

**36 ANOS**

Junto com outras paisagens ricas em carbono na região ártica, a floresta de Thaidene Nënë' armazena o equivalente a até 36 anos de emissões industriais globais.



# QUÊNIA

DESDE QUE ERA ADOLESCENTE, Amina Ahmed caminha nas praias da Ilha Pate no condado de Lamu, no Quênia, para pescar polvos nas águas rasas. Depois de horas de pesca, Amina vende os polvos no mercado para alimentar seus filhos. Amina é uma das mulheres que dependem da pesca de polvo em Lamu para sua renda e sustento. Nos últimos anos, as pescadoras de Lamu notaram um declínio em sua pesca; tanto o tamanho quanto a quantidade dos polvos haviam diminuído e elas os estavam vendendo a preços insustentavelmente baixos. A pesca excessiva, a perda de habitat e o aumento da demanda, tudo isso sem uma legislação específica para guiar as práticas da pesca de polvos, afetavam as atividades das pescadoras.

O Pate Marine Community Conservancy (PMCC) precisava tomar providências decisivas para preservar a pesca. Uma troca de aprendizados com a aldeia Andavadoaka, no sudoeste de Madagascar, em 2018, apresentou uma ideia inovadora: pausar a pesca temporariamente permitiria que a população de polvos se recuperasse e aumentaria a renda das pescadoras. Presidida por Amina, uma associação de mulheres foi criada para liderar o projeto e, em janeiro de 2019, as unidades de gestão das praias de três vilarejos do PMCC se juntaram ao plano e concordaram em fechar um quilômetro quadrado da área pesqueira. Elas determinaram em conjunto as regras para o fechamento e estabeleceram as medidas punitivas em caso de infrações.

O fechamento foi arriscado; exigia que as pescadoras renunciassem a meses da renda advinda de um de seus locais de pesca de polvo sem a garantia de recompensa. Depois de várias reuniões comunitárias, as mulheres resolveram se arriscar e fecharam o local. Depois de uma série de cinco fechamentos breves, a pesca de polvo voltou a ter melhor rendimento, polvos maiores e melhores preços no mercado. Amina agora tem planos de expandir um negócio paralelo com os lucros obtidos.

O projeto é uma colaboração da The Nature Conservancy com o Governo do Condado de Lamu, PMCC, Northern Rangelands Trust, Fauna and Flora International, Kenya Wildlife Service, Kenya Fisheries Service, USAID e a Embaixada Real Dinamarquesa.

O modelo de fechamento já foi ampliado para a organização vizinha Kiunga Community Wildlife Conservancy Association, replicando-o dentro de uma reserva marinha nacional, outro evento inédito, que está ajudando a melhorar a eficácia da reserva nacional marinha de Kinuga. Os fechamentos temporários dos locais de pesca de polvos, liderados pelas mulheres de Lamu, capacitam as comunidades para práticas de gestão de pesca mais eficazes e restauração de seu ecossistema costeiro, oferecendo um modelo que pode inspirar mudanças comportamentais, catalisar a cogestão da pesca e integrar a questão de gênero na conservação costeira e marinha em todo o mundo.

## 868 kg

Depois de quatro meses de fechamento, 868 quilos de polvos foram pescados em quatro dias por 70 pescadoras, comparado aos 186 quilos de polvos pequenos pescados antes do fechamento.



**Depois de quatro meses, pescamos muitos polvos. O primeiro ganho é que os polvos são maiores e mais pesados. O segundo é que são abundantes. O terceiro ganho é que conseguimos bons preços. Isso ajudará a comunidade e minha família. Tenho planos de expandir meu negócio com o lucro obtido com o fechamento.**

- AMINA AHMED, pescadora de polvo e presidente do grupo de associação de mulheres



© ROSHNI LODHIA



© ROSHNI LODHIA



# Financiamento para um Futuro Duradouro

**UMA PROTEÇÃO DURADOURA, CAPAZ DE RESISTIR** ao teste do tempo, com o apoio das comunidades e financiamento seguro é necessária para alcançar as metas globais de proteção da biodiversidade. Um artigo de 2019 calculou que serão necessários entre US\$598 a US\$824 bilhões anuais para reverter a crise da biodiversidade até 2030—mas muito dessa verba pode vir de alterações feitas no fluxo de gastos existentes.

# COSTA RICA

A COSTA RICA É UM DOS PAÍSES MAIS biodiversos do mundo. Embora ocupe menos de 0,01% da massa terrestre da Terra, é lá que vivem 5% de todas as espécies terrestres e 3,5% de todas as espécies marinhas, incluindo tartarugas marinhas, onças e tucanos. As áreas protegidas (APs) da Costa Rica trazem inúmeros benefícios sociais, gerando US\$ 1,5 bilhão por ano em ecoturismo e serviços ecológicos, mas a extração de madeira e caça ilegais ameaçam a biodiversidade que essas áreas contêm.

Em 2007, o então presidente Oscar Arias convidou parceiros filantrópicos para ajudar a instituir um fundo de doação para proteger a natureza da Costa Rica. Para isso, o país precisava de financiamentos adicionais estimados em US\$57 milhões. A captação de recursos nessa escala provavelmente não seria possível usando a abordagem fragmentada padrão em empreendimentos de conservação. Em vez disso, os parceiros do projeto concordaram em organizar uma ambiciosa estratégia financeira inspirada em Wall Street chamada Project Finance for Permanence (PFP), uma abordagem que obtém grandes compromissos financeiros de várias partes interessadas em um único acordo para garantir que as APs sejam bem gerenciadas, financiadas de forma sustentável e beneficiem as comunidades que delas dependem para sempre.

Os PFPs demonstram ser mais bem-sucedidos no financiamento de projetos de conservação em grande escala, com os fundos comprometidos sendo liberados apenas quando os marcos que estabelecem as bases para uma proteção bem-sucedida de longo prazo são alcançados. Após um processo consultivo de três anos trabalhando em estreita colaboração com o governo da Costa Rica, os parceiros da Forever Costa Rica atingiram sua meta

de US\$57 milhões e garantiram financiamento de longo prazo, formularam um plano de conservação e adaptação climática para as APs do país e se prepararam para a implementação do projeto. Com esses marcos alcançados em 2010, uma ONG nacional chamada Forever Costa Rica Association foi designada como administradora. Em 2015, o projeto Forever Costa Rica havia implementado planos de gestão para 70% de todas as APs da Costa Rica e, até 2020, havia feito uma parceria com o governo para quase triplicar o tamanho das áreas marinhas protegidas do país. No total, a Costa Rica protegeu permanentemente 12.950 quilômetros quadrados de habitats terrestres e 11.650 quilômetros quadrados de habitat marinho, em parte devido à abordagem inovadora do PFP. Outras iniciativas de PFP estão protegendo a biodiversidade no Peru, Butão, Colômbia e Canadá, provando que a arrecadação de fundos em conjunto pode assegurar resultados de conservação maiores e mais duráveis em todo o mundo.

A Forever Costa Rica foi uma das inspirações para o Enduring Earth, uma nova parceria que trabalha com países à medida que estes aceleram e amplificam a conservação para um futuro mais sustentável e próspero para as pessoas e o planeta. O Project Finance for Permanence, um modelo inovador e comprovado que financia completamente projetos de conservação para garantir um impacto durável e em escala, é central para nossa abordagem. Por meio de uma combinação de parcerias, financiamento permanente e liderança local, fortalecemos a biodiversidade, reforçamos os direitos dos povos indígenas e comunidades locais, reduzimos os efeitos das mudanças climáticas e incentivamos o crescimento econômico.

A Costa Rica ocupa menos de 0.01% da massa terrestre, mas o país abriga:

5%

De todas as espécies terrestres e

3,5%

De todas as espécies marinhas



© JEFFREY MUNOZ / CONCURSO DE FOTOS DA TNC 2019



© KEVIN WELLS / CONCURSO DE FOTOS DA TNC 2019



“ **Tudo isso é muito emocionante. Nós identificamos, passo a passo, o que precisa ser feito e ajudamos a criar uma fundação sólida [para alcançar as metas de proteção da biodiversidade da Costa Rica]. E agora que o governo pode erguer as paredes da casa, nós estamos prontos para colocar o telhado.**

- ZDENKA PISKULICH, Diretora administrativa da Enduring Earth

# ESTADOS UNIDOS

CAMINHANDO ENTRE BOSQUES DE PINHEIROS-DE-FOLHAS-LONGAS e áreas úmidas com gramíneas verdejantes na Disney Wilderness Preserve (DWP), na região central da Flórida, é difícil imaginar o local de forma diferente. Mas, na década de 1980, a área úmida havia sido destinada para construção de vilas de casas e trechos de grama de um campo de golfe. O projeto significava a perda das áreas úmidas degradadas, mas ainda restauráveis, e a destruição de um habitat imprescindível para plantas e animais selvagens ameaçados de extinção.

A apenas 24 quilômetros dos parques temáticos mais emblemáticos dos Estados Unidos, a DWP está localizada nas cabeceiras do ecossistema Everglades e no extremo sul dos 5% restantes do ecossistema de florestas planas de pinheiros-de-folhas-longas do país. Por meio de um processo deliberado e do compromisso dos parceiros de intervir antes que o desenvolvimento pudesse alterar para sempre a paisagem, a TNC, a Walt Disney Company (“Disney”) e o estado da Flórida trabalharam juntos para criar uma reserva natural em grande escala para compensar as expansões da Disney World.

A aquisição original da Disney incluiu 34 quilômetros quadrados de terreno para mitigar os impactos da expansão e, em 1995, a Greater Orlando Aviation Authority adicionou

mais 12,5 quilômetros quadrados para compensar a expansão do aeroporto. A DWP agora se estende por 46,5 quilômetros quadrados. A Disney transferiu o título da propriedade para a TNC em 1992 com o compromisso de financiar a gestão de terras e trabalhar com a TNC até 2012 para restaurar a propriedade, construir um centro de educação e pesquisa e fornecer um fundo de doação para despesas operacionais.

O fundo de doação da Disney financia a gestão e o monitoramento do habitat, a remoção de espécies invasoras, o trabalho de campo, incluindo o preenchimento de valas de drenagem para restaurar o fluxo natural de água, e um programa de queimadas prescritas para restaurar a resiliência e a biodiversidade da terra. Hoje, a DWP abrange 18 tipos de habitats sobrepostos que incluem uma variedade de ecossistemas costeiros, de água doce e terrestres. A reserva agora abriga mais de 1.000 espécies de plantas e animais, incluindo 56 espécies de borboletas e mais de 200 espécies de pássaros, como os ameaçados Gaio-Matador da Flórida e a cegonha Cabeça-Seca. A próspera vida selvagem dentro da DWP é uma prova de como o planejamento e a compensação da biodiversidade podem resultar em paisagens ricas e biodiversas.



© CARLTON WARD JR.

“ Se esta paisagem icônica da Flórida não tivesse sido protegida e restaurada por meio de uma parceria de conservação inovadora e anos de esforços de gestão da terra, não estaríamos olhando para belos pinheiros e sistemas naturais biodiversos e saudáveis aqui - veríamos asfalto e centenas de casas.

- DANIEL COLE, Coordenador da Disney Wilderness Preserve, The Nature Conservancy



© ALEXANDRA MORRISON

**46,5 km<sup>2</sup>**

A reserva tem 46,5 quilômetros quadrados contendo 18 tipos de habitats sobrepostos que vão de áreas úmidas de ciprestes e madeira-de-lei a campos de grama de arame.

**1.000+**

A reserva abriga mais de 1.000 espécies de plantas e animais, incluindo 56 espécies de borboletas e mais de 200 espécies de pássaros, como os ameaçados Gaio-Matador da Flórida e a cegonha Cabeça-Seca.



# MÉXICO

**APÓS A PASSAGEM DO FURACÃO DELTA EM 2020**, dezenas de voluntários locais, chamados coletivamente de Brigadas de Recife, reuniram-se nas praias de Quintana Roo, no México, para recompor recifes de corais essenciais para a sobrevivência do litoral. Em uma região frequentemente atingida por furacões devastadores, os recifes fornecem benefícios ecossistêmicos que fortalecem a resiliência da Península de Yucatán contra danos causados por tempestades e erosão diária – incluindo a diminuição em até 97% do impacto de uma onda antes que esta atinja a costa. Os recifes de coral de Quintana Roo também atraem mais de doze milhões de visitantes anualmente às regiões costeiras da península e são fundamentais para a indústria turística de US\$10 bilhões do estado.

Quando os recifes são danificados é a comunidade que tem que lidar com os estragos: as tempestades podem fechar negócios, causar a erosão de praias e reparos de bilhões de dólares. É imperativo que esses habitats inestimáveis sejam protegidos. Em 2018, o governo do estado de Quintana Roo e a Comissão de Parques Nacionais juntou-se às partes interessadas locais e à TNC para iniciar um projeto piloto de uma estratégia de conservação tripla composta por um fundo fiduciário (trust fund), as Brigadas de Recife e a primeira apólice de seguro de recife de coral do mundo.

Em 2019, o fundo fiduciário, conhecido como Coastal Zone Management Trust, comprou um seguro de recife de coral que cobria 160 quilômetros de litoral em seis municípios. Se os furacões deixam rastros em uma área geográfica predeterminada e registram ventos de 100 nós ou mais, o pagamento de benefícios é gerado automaticamente. A estratégia já se mostrou eficaz: o furacão Delta desencadeou pagamentos de US\$850 mil em 2020. As Brigadas de Recife também foram implantadas, estabilizando mais de 2.100 colônias de corais e reconectando mais de 13.500 fragmentos de corais.

O inovador seguro de recife ajuda a proteger o recife, que, por sua vez, protege a economia e a ecologia da Península de Yucatán ao salvaguardar simultaneamente praias, a infraestrutura turística e os habitats críticos. O sucesso do seguro tem enormes implicações para cerca de 840 milhões de pessoas que vivem nos litorais em todo o mundo, e a TNC trabalha para replicar o modelo com possíveis projetos no Caribe, na Ásia e nos Estados Unidos.



**Demonstramos que o poder de resposta após a passagem de tempestades inclui a capacidade humana para restaurar os recifes e um mecanismo financeiro, incluindo uma apólice de seguro. Eles são fundamentais para proteger os corais de tempestades devastadoras.**

- FERNANDO SECAIRA, Líder do Programa de Resiliência e Risco Costeiro, The Nature Conservancy México



© JENNIFER ADLER



**97%**

Um recife de coral saudável pode reduzir a energia de uma onda antes que esta atinja a costa em até 97%.

**US\$10 bilhões**

A capacidade de resposta após uma tempestade ajudará a proteger a indústria de turismo em US\$10 bilhões da região, incentivará a conservação de um valioso ativo natural e criará um mercado passível de escala para o setor de seguros – um modelo que pode ser aplicado a outras regiões e ecossistemas.

# GABÃO

**GABÃO É UMA PAÍS COM UMA NATUREZA INFINDÁVEL.** Suas florestas são tão vastas que sequestram mais dióxido de carbono a cada ano do que é produzido por 30 milhões de carros, ajudando o mundo a evitar mudanças climáticas por meio de um processo natural de fotossíntese.

Uma impressionante diversidade de peixes habita o rio Ogooué, um dos últimos grandes rios de fluxo livre do mundo, cuja bacia hidrográfica configura grande parte do país. Três tipos de crocodilos cruzam piscinas de rios lentos e hipopótamos percorrem águas rasas salobras. Os manguezais costeiros servem como berçários para uma vasta gama de peixes marinhos, enquanto milhares de tartarugas-de-couro e tartarugas-oliva, formando as maiores congregações no Oceano Atlântico, põem seus ovos em praias arenosas.

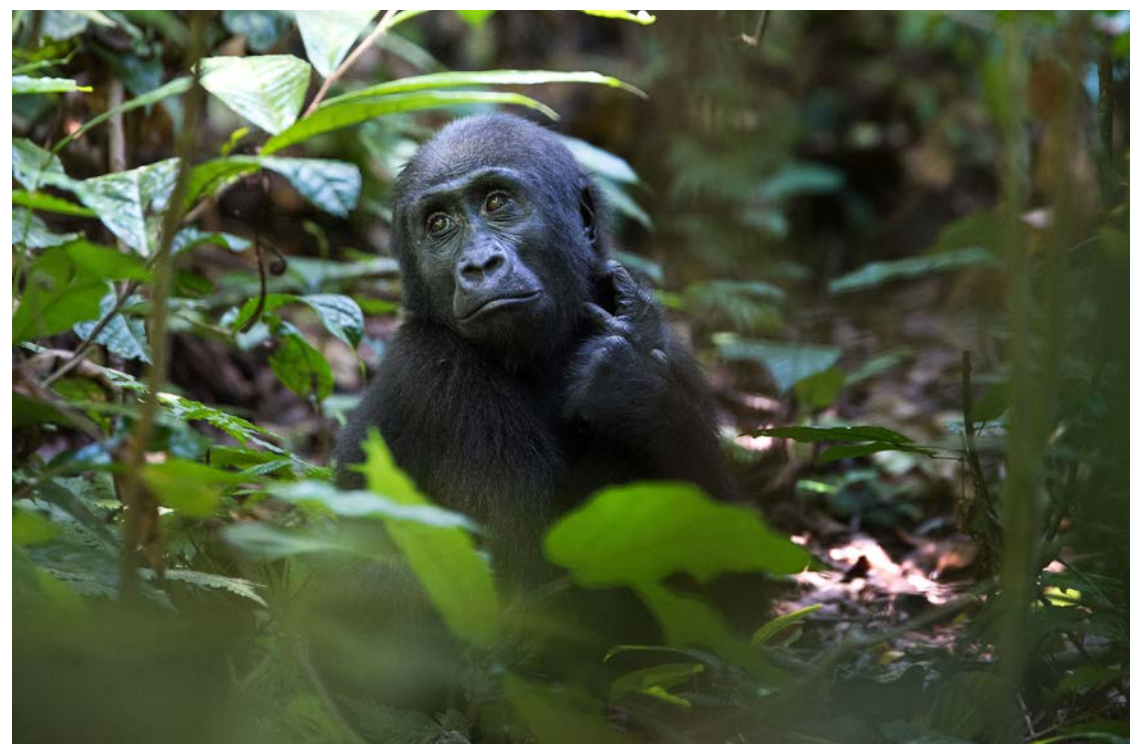
Mais para o interior, mais de um quarto dos gorilas das planícies ocidentais restantes no mundo vagueiam com chimpanzés, porcos-vermelhos-africanos, búfalos da floresta africana e diferentes tipos de antílopes, como antílopes de feições delicadas, conhecidos como druiques-do-Gabão, e os sitatungas que vivem em áreas úmidas.

O Gabão estabeleceu metas ambiciosas para proteger 30% de seus ecossistemas terrestres, de água doce e marinhos. Para isso, precisará de uma avaliação cuidadosa de suas espécies e habitats,

das necessidades humanas e de ameaças, como o esgotamento das populações de peixes costeiros por pescadores estrangeiros. Também precisará planejar e financiar a conservação duradoura e constante em parceria com as comunidades locais.

O Gabão recebe financiamento da Noruega, por meio da Central African Forest Initiative, em troca da redução de suas emissões de carbono, e espera estabelecer uma estrutura de pagamento pela qual possa ser compensado pela contribuição de suas florestas na mitigação das mudanças climáticas globais. Enquanto tenta se afastar de uma economia baseada no petróleo, o governo do Gabão considera recomendações sobre como minimizar o impacto das barragens hidrelétricas nos habitats e nas comunidades locais que dependem da pesca para alimentação e subsistência.

A The Nature Conservancy busca maneiras de destravar o potencial de poderosas ferramentas de conservação, como financiamento de projetos da Finance for Permanence, um mecanismo que cria arcabouços legais e financeiros para garantir o apoio à gestão e ao monitoramento de áreas protegidas nos próximos anos, e os títulos azuis (blue bonds), que usam estratégias de dívidas sustentáveis para reduzir a dívida de um país, liberando fundos para o reinvestimento na conservação dos oceanos e comunidades.



© ROSHNI LODHIA



**Eu acredito que a natureza é o futuro porque, para sermos autossuficientes, precisamos dela.**

- RENGOUWA MAEVA, OELO Coordenadora do Programa de Pesca Sustentável

**88%**

do Gabão são cobertos por florestas que abrigam o ameaçado elefante da floresta

**1/4+**

Mais de um quarto dos gorilas das planícies ocidentais restantes no mundo vivem no Gabão.



© ROSHNI LODHIA

# Ampliando a liderança comunitária

**A CONSERVAÇÃO DURADOURA DEVE ENVOLVER ATIVAMENTE AS PESSOAS** e os parceiros ligados aos sistemas naturais que buscamos proteger. Suas vozes devem estar no centro do que fazemos. Por gerações, desafios profundos e dolorosos, como colonialismo, reassentamento forçado, fortes pressões externas de expansão e exclusão das decisões sobre recursos naturais minaram a atuação dos povos indígenas e a capacidade de gerir suas terras, oceanos e água doce. Quando o legado desses desafios é abordado, os povos indígenas e as comunidades locais podem nos levar a um mundo onde as pessoas e a natureza prosperam juntas—como fazem há milênios. Cada vez mais, os dados provam que, quando lideradas por comunidades locais, medidas efetivas de conservação baseadas em áreas têm a capacidade de reforçar proteções mais formais do ecossistema, permitindo atingir metas globais ambiciosas.



# PARÁ, BRASIL

A FLORESTA AMAZÔNICA É VITAL para a sobrevivência humana, mas proteger essa floresta tropical ameaçada só é possível com a ajuda das pessoas que vivem na região. Utilizando práticas sustentáveis e equitativas, populações tradicionais amazônicas, como povos indígenas, quilombolas e comunidades extrativistas, trabalham com a floresta em pé para colher produtos da sociobioeconomia, como o açaí e o cacau, produtos apreciados mundialmente; o desmatamento, no entanto, representa uma ameaça iminente a essa valiosa sociobiodiversidade.

De todos os estados da Amazônia, o estado brasileiro do Pará tem a maior taxa de desmatamento, representando 47% do desmatamento de todo o bioma amazônico. Entre 2000 e 2018, 11,6 milhões de hectares de floresta foram desmatados no Pará. Sendo que 52% dessa área desmatada foi usada na pecuária de baixa tecnologia.

Até recentemente, acreditava-se que a economia pecuária do Pará gerava significativamente mais receita do que sua sociobioeconomia (uma economia que depende de recursos biológicos renováveis e sustentáveis para beneficiar o desenvolvimento social e econômico). Em 2021, no entanto, a The Nature Conservancy (TNC), em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Natura, desenvolveu um estudo que constatou que as duas economias

produzem receitas quase iguais. Na verdade, a capacidade da sociobioeconomia de gerar benefícios ecossistêmicos, lucratividade equitativa e empregos estáveis, ao mesmo tempo em que ajuda o meio ambiente, torna o investimento mais valioso.

A sociobioeconomia do Pará valoriza a floresta em pé e o conhecimento cultural e ancestral das comunidades tradicionais que lá residem e cujas práticas estão profundamente enraizadas no rico ecossistema. Essas comunidades tradicionais são líderes na conservação da floresta, possuindo um estoque médio de carbono por hectare maior do que as propriedades rurais privadas. Comparada à pecuária extrativista, a sociobioeconomia utiliza métodos de produção sustentáveis e equitativos que reduzem o desmatamento e as desigualdades sociais, garantindo a saúde da floresta e a estabilidade do emprego no longo prazo.

Embora a pecuária seja uma das principais atividades econômicas do estado, a sociobioeconomia do Pará, que produz mais de 40 tipos de produtos, gerou o número impressionante de 224,6 mil empregos e rendeu R\$5,4 bilhões somente em 2019. Com políticas de apoio e investimentos em ciência, tecnologia e inovação, a sociobioeconomia tem potencial para crescer 30 vezes seu valor atual até o ano de 2040, apoiando as comunidades e mantendo a floresta em pé.



© JOÃO RAMID

## R\$ 5,4 bilhões

A sociobioeconomia local do Pará gerou R\$ 5,4 bilhões em valor adicionado de acordo com o estudo [“A bioeconomia da sociobiodiversidade do Pará”](#)



**Nosso papel como guardiões da floresta tem grande valor e agora foi medido pelo estudo da TNC em números. Mas nossa economia gera muito mais do que o PIB. Gera diversidade e protege o conhecimento e os modos de vida tradicionais. Somos um modelo de economia que entrega resultados, protegendo a floresta amazônica e o clima do planeta, e esperamos que o mundo reconheça esse valor.**

- PUJR DOS SANTOS TEMBÉ, Coordenadora Executiva da Federação dos Povos Indígenas do Pará (FEPIPA)

# COLÔMBIA

COM SUAS MONTANHAS ONDULANTES, selvas exuberantes e praias cintilantes, a Colômbia ocupa o segundo lugar no mundo em biodiversidade. Depois de anos de um conflito que causou pobreza generalizada, a Colômbia está aproveitando suas belas paisagens para o crescimento da agricultura e da pecuária, que prometem alimentar a população do país e impulsionar a economia — mas às custas da biodiversidade do país. A pecuária tradicional é a principal causa de desmatamento na Colômbia e já desflorestou mais de um terço das terras do país.

A TNC e o Banco Mundial acreditam que é possível aumentar a produção de alimentos sem perder habitats e, nos últimos seis anos, trabalham em conjunto com milhares de agricultores colombianos para tornar a pecuária sustentável a norma para a pecuária colombiana. Com viagens de campo, treinamentos e intercâmbios entre pares em unidades de demonstração, a TNC e seus parceiros alcançaram mais de 25 mil fazendeiros de mais de 86 municípios para ensinar a abordagem da pecuária e agricultura regenerativas. Ao utilizar estratégias baseadas na natureza, os agricultores colombianos estão protegendo a natureza e, ao mesmo tempo, aumentando a produção, os lucros e a resiliência de suas fazendas.

O fazendeiro Guillermo Vargas é pecuarista há mais de 50 anos e recentemente recebeu treinamento técnico em pecuária sustentável. Ao plantar árvores e alimentar seu gado com capim nativo, Vargas relata: “Antes, tínhamos de 7 a 8 litros de leite por vaca por dia, mas agora, com melhor nutrição e condições, temos cerca de 18 a 20 litros. Transformamos a maneira como fazemos a pecuária.” Coletivamente, os fazendeiros participantes já fizeram a transição de 425 quilômetros quadrados de fazenda para uso sustentável e plantaram quase um milhão de árvores nativas. Ao usar estratégias de conservação, os pecuaristas relatam uma necessidade reduzida de fertilizantes e pesticidas, solos mais produtivos e um aumento médio de 17% na produção de leite e carne.

Juntas, essas mudanças reduzem em um milhão de toneladas de emissões de gases de efeito estufa, o equivalente a tirar 214 mil carros de circulação por um ano! Com esforços de divulgação expandidos, o impacto desses treinamentos na economia, nas famílias e na natureza da Colômbia pode ser revolucionário. Ao alcançar o restante dos 630 mil fazendeiros da Colômbia, inúmeros outros poderiam ter a mesma experiência que Vargas: transformar sua relação com a agricultura, aproveitar os benefícios radicais da pecuária regenerativa e desfrutar de um futuro seguro.



A agricultura regenerativa levou

**425 km<sup>2</sup>**

a práticas sustentáveis e protegeu

**150 km<sup>2</sup>**

por meio de acordos de conservação com os proprietários.

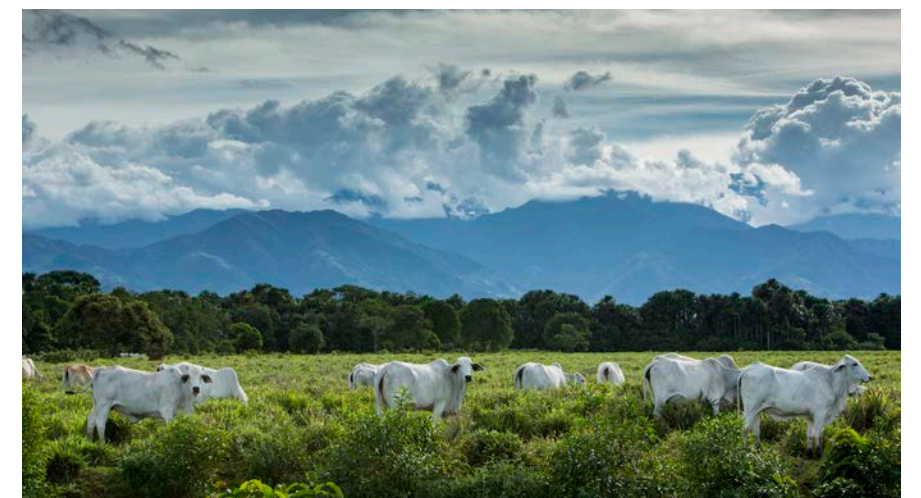
Os fazendeiros participantes relatam que:

- a necessidade de usar fertilizadores e pesticidas foi reduzida
- os solos estão mais produtivos
- aumento de animais/hectare
- uma média de 17% mais leite e/ou produção de carne
- a redução de 1 milhão de toneladas de emissões de gases de efeito estufa (GHG), o que é comparável a tirar 214 mil carros de circulação por um ano

“

**Eu tinha mais vacas, mas elas davam menos leite...Eu me sinto muito melhor agora porque ganhei bastante conhecimento. Eu sou um pecuarista bastante feliz!**

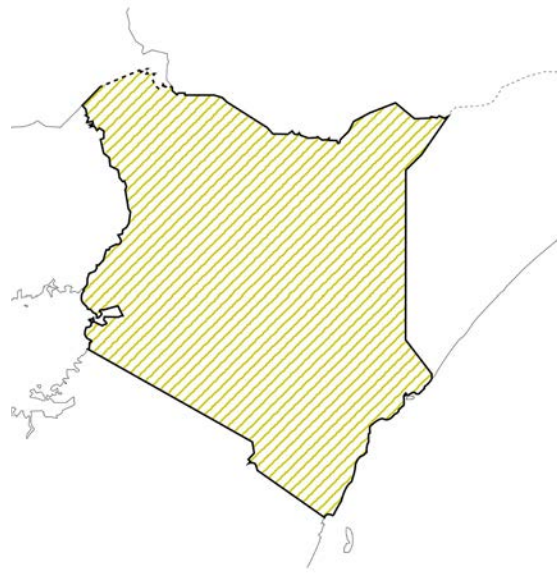
- MERCEDES MURILLO, pecuarista nas planícies rurais das encostas Andinas



© JUAN ARREDONDO



# QUÊNIA



**EM UMA GERAÇÃO**, a biodiversidade do Quênia diminuiu quase 65%. Apenas 40 anos atrás, “você mal podia andar um quilômetro sem ver um elefante e até um leão”, diz Johnson Soit, presidente do Conservation Area Board de Pardamat, uma área nos arredores da famosa Reserva Nacional Masai Mara (MMNR), do Quênia. As pastagens onde os animais antes perambulavam agora são divididas por cercas à medida que a terra é privatizada e secas mais longas e frequentes aumentam a competição por recursos. Essa fragmentação da terra bloqueia as rotas migratórias da vida selvagem e diminui o acesso dos animais a alimentos, água e solo, problemas agravados pela perda de habitat e a caça ilegal.

Para proteger a vida selvagem nativa, o Quênia implementou iniciativas inovadoras de conservação lideradas pela comunidade (como a conservação comunitária) para garantir terras para proteção da vida selvagem e outros usos sustentáveis que podem melhorar os meios de subsistência. Mais de 105 unidades de conservação comunitárias abrangem mais de 7,3 milhões de hectares de habitats variados no Quênia, alguns dos quais incluem santuários para animais ameaçados de extinção, como os rinocerontes negros do leste, hirolas, girafas Rothschild e elefantes órfãos.

Mas as áreas de conservação não se limitam aos benefícios ecológicos — elas também são modelos de várias estratégias para ampliar o crescimento econômico da comunidade e melhorar os meios

de subsistência. Em algumas áreas, como o ecossistema Masai Mara, os proprietários que arrendam suas parcelas de terra para conservação ou operadoras de turismo recebem pagamentos mensais que totalizam milhões de dólares anualmente. Outras associações de conservação empregam membros da comunidade como guardas florestais para evitar a caça ilegal e outras atividades não permitidas em terras protegidas. Os benefícios de iniciativas como essas retornam diretamente para custear o desenvolvimento da comunidade, incluindo o aumento do acesso à educação, por meio de novas escolas e bolsas de estudo; ampliação do acesso a serviços de saúde e crescentes oportunidades de liderança para mulheres e jovens.

O Quênia é líder mundial em conservação gerida por comunidades e mais municípios estão ansiosos por obter apoio para estabelecer associações de conservação para desfrutar de melhores meios de subsistência e garantir que a próxima geração se beneficie da vida selvagem como eles o fazem agora. Com menos cercas e comunidades melhoradas, Soit fica feliz em ver animais não vistos há décadas, como cães selvagens e girafas, voltando a chamar as terras da comunidade de lar. O exemplo do Quênia é uma prova para o resto do mundo: conviver com a vida selvagem não é apenas possível, mas necessário.

“**Estamos tirando as cercas lentamente. E agora, estamos começando a ver alguns animais selvagens que não víamos há muito tempo... Um exemplo são os cães selvagens e a migração de girafas — eles estão por toda parte.**”

- JOHNSON SOIT, Diretor de uma escola primária, Presidente do Conservation Area Board de Pardamat e Representante dos Proprietários



© ROSHNI LODHIA



**65%**

da vida selvagem do Quênia vivem fora das áreas protegidas pelo governo, por isso as associações de conservação oferecem habitats e conectividade críticos para espécies que formam o centro da indústria turística.



© ROSHNI LODHIA

**100+**

Atualmente, existem mais de 100 associações de conservação espalhadas por 60.700 quilômetros quadrados de vários ecossistemas, algumas das quais são santuários para espécies ameaçadas de extinção, como os rinocerontes negros, hirolas, girafas e elefantes órfãos.

# TAILÂNDIA

ENTRE AS FAIXAS DE FLORESTAS DE TECA e campos de arroz do norte da Tailândia está o rio Ngao, um tributário do rio Salween, fundamental para a subsistência das aldeias vizinhas. Sem refrigeração e com temporadas regulares de escassez de recursos, muitas famílias vão até as margens do rio diariamente para pescar. Mas no início da década de 1990, os povos indígenas Pgayayaw, ou Karen, notaram um declínio na quantidade de peixes, em parte devido a pessoas de fora da comunidade que usavam métodos ilegais para a superexploração da pesca. Com a ajuda de uma ONG local, as comunidades de Pgayayaw se reuniram para discutir soluções de conservação trazidas pela comunidade.

Em 1993, uma aldeia estabeleceu uma reserva que proibia a pesca. Bandeiras coloridas assinalavam a proibição e as margens de rios estavam repletas de placas pintadas à mão alertando sobre as penalidades. A ideia se espalhou e hoje existem mais de 50 reservas comunitárias de água doce conectando as pescarias ao longo da bacia do rio Ngao. Essas reservas dependem da fiscalização local para ter sucesso e de acordos comunitários para respeitar as condições das reservas de água doce. As reservas mais eficazes são as que estão mais próximas das aldeias.

Aaron Koning, pesquisador de pós-doutorado do Global Water Center da Universidade de Nevada, na cidade de Reno, estudou

23 dessas reservas ao longo dos 80,5 quilômetros do rio Ngao. Embora as reservas de peixes protejam apenas 2% da área do rio, o estudo revelou que elas oferecem um inestimável refúgio para lidar com a sobrepesca que afeta a abundância e diversidade de peixes.

O estudo de Koning conclui que, em comparação com áreas de pesca adjacentes, as reservas abrigam 27% mais espécies de peixes, têm densidade de peixes 124% maior e biomassa média 2.247% maior. Esses resultados foram amplificados nas reservas mais centrais, indicando que a interligação entre áreas protegidas leva a maiores benefícios ecológicos. Este é um modelo com potencial de escala que pode proteger a biodiversidade de peixes e compensar as consequências da pesca excessiva em outros sistemas de água doce, podendo contribuir significativamente para a proteção dos extraordinários rios Congo, Mekong.

Um simples olhar é suficiente para se perceber o sucesso das reservas do vale do rio Ngao. Mirantes pairam sobre a bacia do rio. Deles, membros da comunidade podem testemunhar os cardumes de peixes, prova concreta de que suas estratégias de conservação comunitárias são transformadoras para seus meios de subsistência e suas terras.



© ADISAK MITRPRAYOON/ISTOCK

Comparadas a áreas de pesca similares, as reservas abrigam:

**27%**

mais espécies de peixes

**124%**

maior densidade de peixes

**2.247%**

de média mais alta de biomassa



© AARON A. KONING

“

**A água doce está sub-representada entre as áreas protegidas do mundo e nossos estudos sugerem que as redes de pequenas reservas comunitárias oferecem um modelo replicável para proteger a biodiversidade e aumentar a pesca em um momento em que os rios do mundo enfrentam pressões sem precedentes.**

- AARON KONING, Pesquisador, Pós-Graduação, University of Nevada, Reno

# Alívio e reestruturação de dívidas

**ENQUANTO A FILANTROPIA E O FINANCIAMENTO PÚBLICO** têm sido essenciais para a conservação de nossos recursos naturais, a escala massiva dos desafios ambientais atuais exige fontes adicionais de financiamento. A reestruturação de dívidas pode transformar a crise econômica em oportunidade de conservação e fornecer um meio de financiar diretamente esse trabalho de forma gradual, ao mesmo tempo em que apoia indústrias baseadas na natureza que oferecem oportunidades econômicas a longo prazo.



## SEYCHELLES

## Títulos azuis para a conservação dos oceanos

COMO UMA NAÇÃO QUE É 99% ÁGUA, a República das Seychelles pode ser descrita como um grande estado oceânico altamente dependente da saúde do mar. As preocupações com a sustentabilidade dos recursos marinhos das Seychelles aumentam com a diminuição das populações de peixes e as alterações climáticas que ameaçam a pesca e o turismo, setores fundamentais para a economia.

Em 2012, a República de Seychelles se comprometeu a proteger 30% de seus oceanos. Para isso, formou uma parceria com a TNC para desenvolver uma solução inovadora para financiar o objetivo. Usando empréstimos e grants, as Seychelles e TNC lançaram os primeiros “Títulos Azuis para a Conservação dos Oceanos”, uma estratégia para liberar fundos para a conservação marinha a longo prazo. Em 2016, o Fundo Fiduciário de Conservação foi criado localmente e US\$21,6 milhões da dívida das Seychelles foram comprados de credores. O governo paga a dívida ao Seychelles Conservation and Climate Adaptation Trust (SeyCCAT) a uma taxa de juros mais baixa por um tempo mais longo. A cada ano, cerca de US\$400 mil vão para um Fundo de Títulos Azuis (blue bonds) para conservação marinha, pesquisa, sustentabilidade da pesca, adaptação climática e implementação de áreas protegidas, e o restante é pago a um fundo de financiamento com prazo de maturação de 20 anos.

Um componente essencial para o sucesso é o Plano Espacial Marinho das Seychelles (SMSP) para expandir a proteção para 30%, abordar as mudanças climáticas e promover a Economia Azul. De 2012 a 2019, mais de 200 partes interessadas de pelo menos 12 setores marinhos participaram de 210 consultas para identificar novas áreas de proteção e planejar usos. Em março de 2020, o governo das Seychelles atingiu a meta de proteção de 30%. Graças à reestruturação da dívida e ao SMSP, as Seychelles atingiram sua meta de proteger 410 mil quilômetros quadrados de oceano — uma área maior que a Alemanha. O SMSP aumentará a proteção de recifes de corais, tartarugas, tubarões, dugongos e cetáceos ameaçados de extinção e melhorará a gestão dos oceanos ao longo de 1,35 milhão de quilômetros quadrados. A TNC estima que os Títulos Azuis para a Conservação dos Oceanos podem funcionar em muitos outros países, abrindo caminho para oceanos mais resilientes, economias sustentáveis e ecossistemas prósperos em todo o mundo. •



**Vou lhe contar, os pescadores são muito especiais. São eles que sabem o lugar e a hora de pescar, o que significa que devemos obter informações vindas diretamente deles — especialmente dos antigos pescadores... proteger os mares é proteger o futuro. Especialmente para que meus filhos vejam, em algum momento, as espécies ainda existentes.**

- FRANK VOLCERE, Green Islands Foundation (beneficiado com um grant da SeyCCAT para trabalhar com os pescadores tradicionais em um estudo das espécies em declínio)



© JASON HOUSTON

## Título Azul Soberano das Seychelles

APENAS TRÊS ANOS DEPOIS QUE A REPÚBLICA DAS SEYCHELLES fez história com a primeira reestruturação de dívida do mundo para proteção marinha, o país deu o que falar novamente com a emissão do primeiro título soberano azul. Em 2015, o programa de conversão de dívidas da TNC ajudou as Seychelles a desenvolver um Plano Espacial Marinho e instituir o Seychelles Conservation and Climate Adaptation Trust (SeyCCAT), responsável por administrar fundos para atingir as metas de conservação.

Em 2018, o governo das Seychelles, o Banco Mundial e o Global Environment Facility aproveitaram esse avanço ao estabelecer o primeiro título azul emitido pelo governo para obter mais financiamento para o SeyCCAT e a conservação marinha. O fundo recebeu financiamento inicial por meio de uma doação de US\$5 milhões do Banco Mundial e um empréstimo concessional de US\$5 milhões do Global Environment Facility. O empréstimo concessional subsidia parcialmente os pagamentos de cupons de títulos das Seychelles, reduzindo a taxa de juros para Seychelles de 6,5% para 2,8%. Os recursos deste título são usados para um Blue Grants Fund (aproximadamente US\$3 milhões), que o SeyCCAT usa para administrar subsídios, e um Blue Investment Fund (aproximadamente US\$12 milhões), que o Banco de Desenvolvimento de Seychelles usa para administrar empréstimos. Este título emitido pelo governo e o programa de conversão da dívida da TNC são dois instrumentos financeiros inovadores que ajudam as Seychelles a direcionar mais financiamento para projetos que melhoram a resiliência climática, os meios de subsistência locais e a sustentabilidade da economia das Seychelles.

**348 mil km<sup>2</sup>**

Até 2020, o governo das Seychelles havia protegido 348 mil Km<sup>2</sup> de oceanos (passando a meta de 30%).

**US\$430 mil**

Os Títulos Azuis geram até US\$430 mil por ano para a conservação marinha e adaptação climática.

# Planejamento e gestão espacial

**O SUCESSO NO PLANEJAMENTO DE HABITATS** depende de saber onde nossos esforços têm o maior potencial de impacto. Investimentos em planejamento espacial e ciência – para ajudar a decidir a localização de áreas protegidas e projetos de desenvolvimento – são uma estratégia crítica. Acreditamos que as metas de proteção global podem ser alcançadas com uma abordagem integrada: proteger os sistemas naturais que estão funcionando bem, restaurar os sistemas naturais danificados e direcionar novas infraestruturas para áreas já desenvolvidas sempre que possível, e oferecer atividades de compensação e mitigação quando a transformação de áreas naturais não puder ser evitada.



# CHINA

A ECONOMIA DA CHINA CRESCER nos últimos 40 anos e estimulou o rápido desenvolvimento urbano em todo o país. Para preservar seus espaços naturais, a China dedicou 18% de suas terras à conservação, abrangendo florestas com tigres siberianos, florestas tropicais com elefantes asiáticos e pastagens com leopardos-das-neves. Mas, historicamente – sem um sistema de gestão unificado –, as áreas protegidas do país caíram em 11 classificações diferentes, dificultando sua capacidade de proteger efetivamente ecossistemas e espécies interconectadas.

Em 2015, a China se comprometeu a testar um modelo de parque nacional que une áreas protegidas gerenciadas localmente e melhora o sistema de conservação do país. Atualmente, dez parques nacionais pilotos em 12 províncias estão tendo sucesso em tornar a gestão da conservação mais eficiente, revitalizando economias rurais, protegendo o habitat e construindo corredores para animais selvagens. Coletivamente, esses parques pilotos já cobrem o equivalente a mais de dois-terços da área terrestre do sistema de parques nacionais dos EUA. Um deles é o novo Parque Nacional do Panda Gigante, um amálgama de 82 áreas protegidas menores originalmente sob oito classificações diferentes

e administradas por três níveis de governo. Só em 2019, a China relatou a restauração de terras no Parque Nacional das Montanhas Wuyi, a construção de 25 novos corredores de vida selvagem no Parque Nacional Shennongjia e a remoção de 144 minas no Parque Nacional das Montanhas Qilian.

A promoção da “eco civilização” também é parte integral do sistema de parques nacionais, equilibrando economia e meio ambiente de forma sustentável, ao mesmo tempo em que envolve os cidadãos na restauração do habitat. Os parques pretendem expandir as oportunidades de ecoturismo comunitário e de novos empregos de conservação para as comunidades com poucos recursos que vivem dentro dos limites do parque. Várias iniciativas econômicas estão surgindo em áreas protegidas, como no Parque Nacional de Angsai, onde as autoridades do parque contrataram um membro de cada família da região como guarda florestal. Milhares de guardas florestais locais agora estão treinados e são remunerados para gerenciar diversos habitats e monitorar a vida selvagem. Além dos avanços ambientais e econômicos do sistema de parques, estes aprofundam a interconexão da China com a natureza e abrem caminho para a conservação futura da extraordinária biodiversidade do país.



© ZHANG BIN



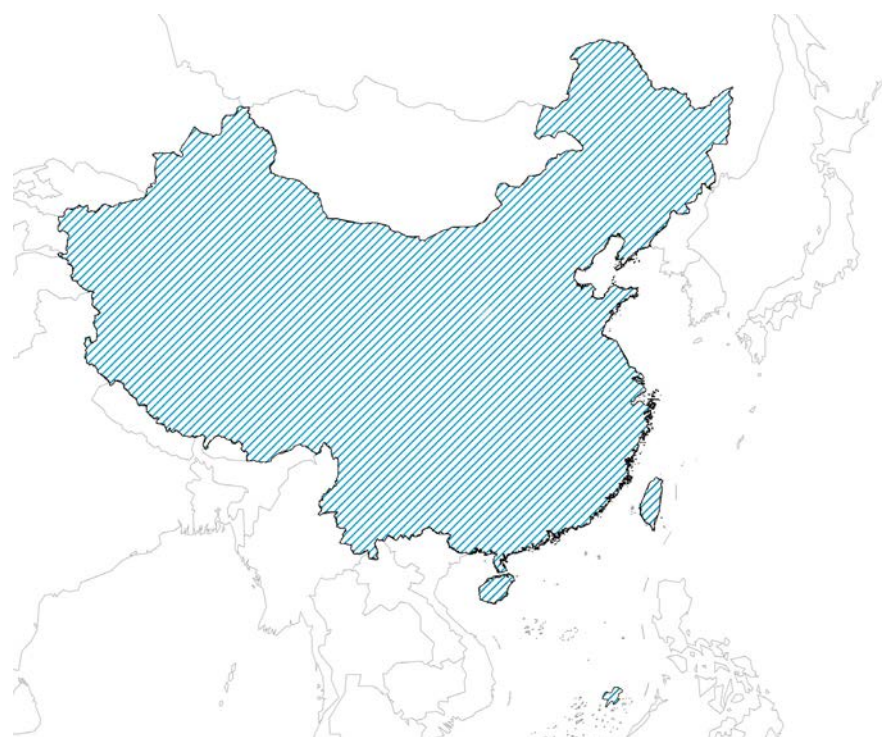
© LKUNLI/ISTOCK

2/3

Os parques pilotos cobrem dois-terços de área correspondente ao sistema de parques dos EUA.

US\$3 bilhões

Muitas das pessoas que vivem nas reservas naturais chinesas existentes trabalham no ecoturismo — uma indústria de US\$3 bilhões que atende 128 milhões de visitantes por ano.

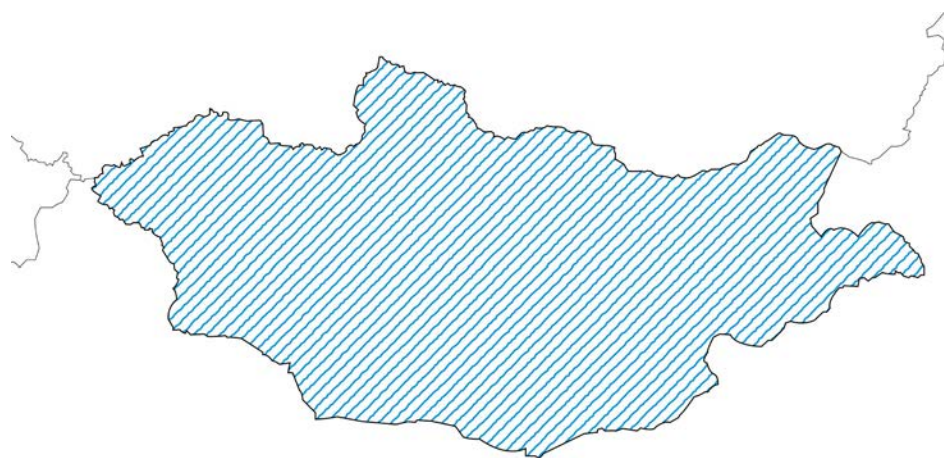


“

**A eficácia de seus esforços de proteção não depende da maneira como uma reserva natural de parque nacional foi criada, mas sim da mudança dos meios de subsistência dos habitantes locais. Quando as pessoas comuns puderem ter uma renda adequada e uma vida boa, os esforços de proteção serão eficazes na conservação da natureza.**

- LI XINRUI, que ajuda a administrar uma cooperativa comunitária dentro da Reserva Natural Comunitária Guanba

# MONGÓLIA



COM DIVERSOS HABITATS, TAIS COMO PRADOS, desertos, picos de montanhas e florestas boreais, a Mongólia possui vastas paisagens de importância ecológica internacional que abrigam mais de quinze espécies raras, incluindo leopardos-da-neve, antílopes saiga e cavalos-de-Przewalski. Nas últimas décadas, a Mongólia teve que lidar com desafios causados por mudanças nos contextos políticos e ecológicos. A transição para uma economia de mercado na década de 1990 levou à privatização da pecuária e ao pastoreio excessivo, e, logo depois, empresas de mineração se espalharam pela Mongólia em busca de recursos minerais. Essas mudanças desafiaram a estreita conexão do país com a terra e o patrimônio de conservação das comunidades de pastoreio locais.

Desde 2008, a TNC colabora com o governo da Mongólia para resolver os problemas que surgem por meio de soluções que equilibram a proteção das paisagens únicas do país com o crescimento econômico. De 2009 a 2017, a TNC realizou avaliações ecológicas das paisagens da Mongólia para identificar regiões onde a proteção da biodiversidade é essencial. No processo, a TNC colaborou com 105 parceiros locais para criar o Portfólio de Conservação de Áreas Protegidas com o objetivo de alcançar a proteção de longo prazo de 30% das terras da Mongólia. Essas avaliações foram projetos que ajudaram o governo da Mongólia a desenvolver as primeiras 102 áreas protegidas do país (NPAs), abrangendo 17,87% da área terrestre da Mongólia. A TNC também treinou centenas de gestores e pastores para melhorar as práticas de gestão local da terra; ajudou a estabelecer 73 organizações de

base comunitária que representam 1.506 famílias de pastores; ajudou o governo a aprovar uma lei exigindo que as empresas evitassem, minimizassem ou compensassem os impactos do desenvolvimento; e apoiou a formação de novas áreas protegidas.

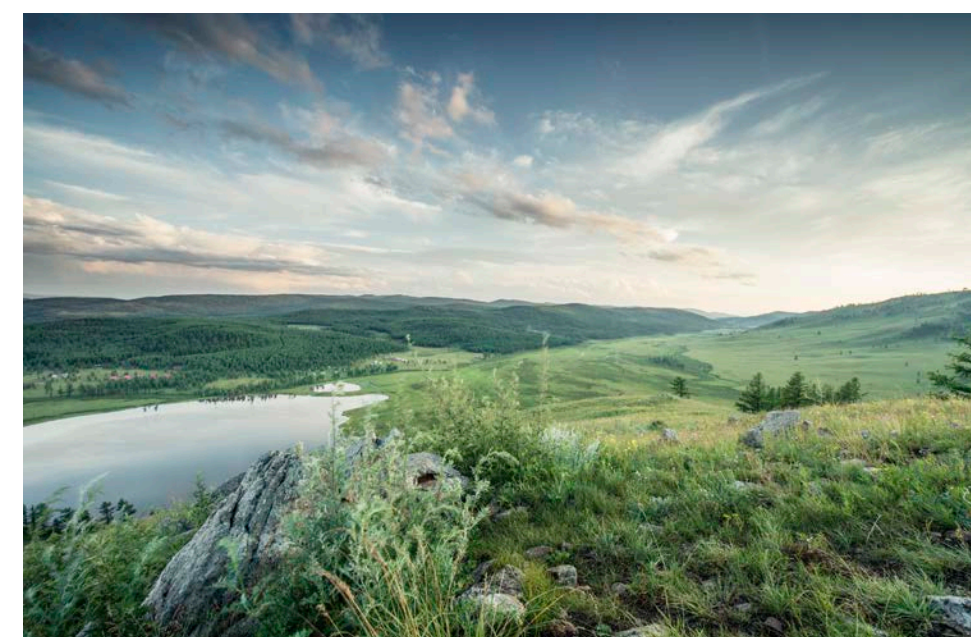
Entre 2019 e 2020, o parlamento da Mongólia adicionou 33 NPAs totalizando 49.966 quilômetros quadrados, aumentando a rede de áreas protegidas para aproximadamente 328.913 quilômetros quadrados. Essas áreas protegidas abrangem uma variedade de ecossistemas que protegem a biodiversidade da Mongólia, sem sacrificar os meios de subsistência de seu povo: as NPAs da Mongólia continuam a dar acesso livre às comunidades tradicionais de pastoreio para que os pastores possam se locomover livremente e conduzir seus animais para pastar nas vastas planícies do país. Agora, 21% das terras da Mongólia estão protegidas em NPAs, levando o país a dois-terços de sua meta de proteger 30% de suas terras até 2030 e demonstrando como a proteção pode equilibrar a economia, a vida selvagem e as necessidades das pessoas.

“ Os mongóis têm uma longa história de ética de conservação. Eles dependem diretamente dos recursos naturais. Quase 20% da população são pastores nômades e seu sustento depende diretamente da natureza, da qualidade das pastagens e da água doce que bebem, e do gado. Então tudo está fortemente conectado.

- GALA DAVAA, *Diretor, TNC Mongólia*

80%

Os prados da Mongólia abrangem 80% do país e geram meios de subsistência para 200 mil famílias de pastores nômades.



© NICK HALL

© TED WOOD

# MONTENEGRO

COM 60% DE SEUS RIOS DEGRADADOS, os últimos rios de fluxo livre da Europa são uma espécie em extinção. A poluição, as mudanças climáticas e as crescentes demandas de energia hidrelétrica ameaçam os inúmeros benefícios ecológicos e socioeconômicos fornecidos pelos rios, exigindo sua proteção urgente. Mesmo quando as proteções terrestres beneficiam a biodiversidade de água doce, muitas vezes elas não duram, como evidenciado pelo desenvolvimento generalizado de barragens em áreas protegidas globalmente. O rio Zeta em Montenegro é um local onde o crescente movimento de proteção da água doce conseguiu uma vitória.

Um hotspot de biodiversidade, as águas claras do Zeta abrigam espécies únicas de moluscos ameaçados de extinção e peixes de água doce, como a truta Zeta softmouth. O rio de 65 quilômetros abriga mais de 20% de cada uma das espécies de aves e plantas de Montenegro. Apesar da natureza abundante do Zeta, até recentemente a poluição da água, a caça ilegal e a urbanização desordenada ameaçavam a biodiversidade do rio. Se não fossem controlados, esses problemas ameaçariam a vida selvagem do Zeta e prejudicariam a capacidade do rio de abrigar habitats diversos, mitigar os impactos climáticos e de erosão e oferecer oportunidades de recreação, turismo e pesquisa. Esses benefícios inestimáveis inspiraram a criação de campanhas locais para pedir a proteção do rio.

No início de 2019, os municípios de Podgorica e Danilovgrad colaboraram com uma coalizão de ONGs locais para lançar uma iniciativa de proteção do curso inferior do rio Zeta. No final daquele ano, a TNC coorganizou a primeira Conferência Internacional sobre Proteção do Rio em Podgorica e o governo montenegrino lançou o Parque Natural do Rio Zeta. O avanço resultante da criação do parque foi rápido e, em apenas dez meses, o Zeta foi designado uma área protegida de Categoria V. O parque representa um marco importante para a conservação da água doce nos Balcãs e serve como modelo para que os formuladores de políticas integrem a proteção da água doce aos planejamentos urbanos e de conservação.

Embora os Balcãs precisem buscar o desenvolvimento sustentável para proteger a natureza e as pessoas das mudanças climáticas, o desenvolvimento deve evitar danos desnecessários aos habitats de água doce, como o Zeta. O Parque Natural do Rio Zeta ilustra como a conservação pode, simultaneamente, reduzir os impactos negativos da expansão urbana, apoiar os meios de subsistência humanos e salvaguardar a biodiversidade e os serviços ecológicos. Devido ao planejamento responsável, a biodiversidade e o vasto patrimônio cultural do Zeta estão protegidos da expansão urbana e suas águas continuarão fluindo livremente por gerações.



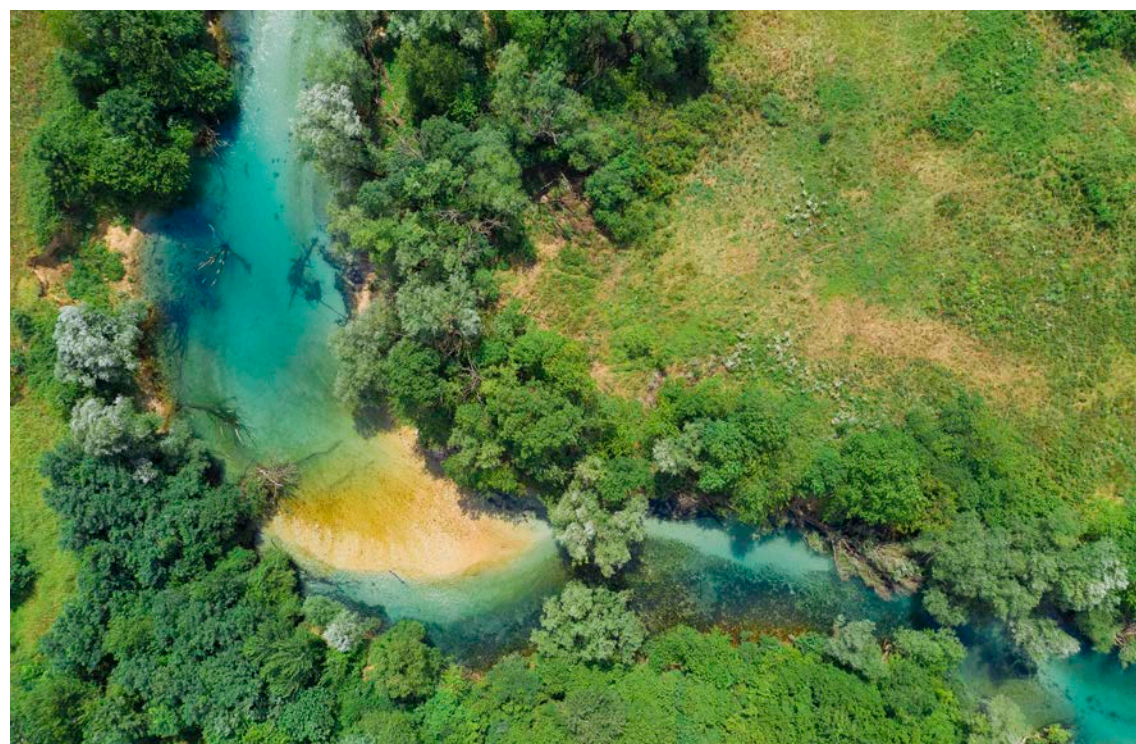
© CHIP CARROON/TNC

60%

Mais de 60% dos rios da Europa não estão saudáveis e a região dos Balcãs é um santuário para alguns dos últimos rios de fluxo livre que restam.

20%

do número total de espécies de aves e plantas de Montenegro estão presentes na região do rio Zeta.



© CHIP CARROON/TNC



**As iniciativas de proteção do Zeta mostram a necessidade de cooperação entre o setor não governamental e as autoridades locais para alcançar metas comuns. A proteção do rio Zeta é de importância nacional e pode ser um exemplo das boas práticas que podem ser aplicadas com sucesso em outros países da região.**

- MILIJA ČABARKAPA, *Diretor de Projetos na WWF adriática*





# ESTADOS UNIDOS

O MUNDO DEVE AUMENTAR EM NOVE VEZES A PRODUÇÃO DE ENERGIA RENOVÁVEL para atingir suas metas do Acordo de Paris, — mas, com a grande pegada terrestre da energia renovável, devemos planejar cuidadosamente onde construímos infraestrutura de energia limpa para atingirmos nossas metas sem prejudicar a natureza. Acelerar o desenvolvimento de energia renovável com uma abordagem business-as-usual pode ameaçar importantes áreas de vida selvagem, potencialmente eliminando habitats correspondentes ao tamanho cumulativo da Islândia e minando o progresso climático, eliminando florestas e outros estoques de carbono.

Globalmente, existem atualmente mais de seis milhões de quilômetros quadrados de terras convertidas aptas ao desenvolvimento renovável. Os Estados Unidos estão aproveitando essas terras convertidas usando-as como locais para infraestrutura de energia limpa, desviando a expansão em ecossistemas intactos e contendo os impactos em áreas onde estes são menos prejudiciais. A comunidade de conservação está desenvolvendo inúmeras ferramentas para ajudar a identificar terras convertidas aptas a energias renováveis, e essas ferramentas estão sendo usadas por profissionais de energia eólica e solar para evitar habitats prístinos nos EUA.

Nos estados de West Virginia e Wyoming, onde a mudança de carvão para a energia limpa está causando desafios econômicos, há novas oportunidades para implantar energia renovável em áreas de mais de mil quilômetros quadrados de minas fechadas e abandonadas. A TNC está trabalhando nesses e em outros estados para criar projetos de demonstração e novas políticas para incentivar a revitalização de terras degradadas, com a ajuda de uma inusitada coalizão de conservacionistas, mineradoras e proprietários rurais. Na Virgínia, a TNC identificou terras previamente mineradas aptas a projetos solares na propriedade em Cumberland Forest, que adquiriu recentemente. Duas empresas arrendaram esses locais, prometendo mais de 150 megawatts de energia solar desenvolvidos nos próximos dois a três anos.

Essas ferramentas de planejamento podem ser adaptadas para uso em outros países para evitar e minimizar potenciais conflitos à medida que a energia renovável se expande rapidamente em todo o mundo, como a ferramenta SiteRight da TNC na Índia. O planejamento estratégico do setor de energia que incorpora a localização de baixo impacto representa um ganha-ganha para conservação, desenvolvimento energético e revitalização econômica difícil de alcançar.

9x

Globalmente, precisamos aumentar em nove vezes nossa produção de energia renovável para atingir as metas do Acordo de Paris.

17x

A quantidade atual de terras de expansão de renováveis atinge as metas do Acordo de Paris em 17 vezes.

6M km<sup>2</sup>

Globalmente, existem atualmente mais de 6 milhões de quilômetros quadrados de terras convertidas que estão aptas ao desenvolvimento renovável.



© STEVEN DAVID JOHNSON



© POWER OF FOREVER PHOTOGRAPHY

“

**Podemos fazer coisas boas para a natureza e para as pessoas. A missão da conservação e a da recuperação econômica podem ser compatíveis. Elas não são mutuamente exclusivas.**

- BRAD KREPS, Diretor do Programa de Clinch Valley em Abingdon, estado da Virgínia

# ESTADOS UNIDOS

OUTRORA UM LUGAR CHEIO DE CAMPOS DE CARVÃO e serrarias alimentadas por uma revolução industrial em expansão, a região dos Apalaches agora ostenta uma rica paisagem de florestas onduladas, prados exuberantes e vida selvagem abundante. À medida que se cura, o terreno esburacado abriga habitats perfeitos para um dos moradores mais importantes do ponto de vista ambiental e econômico dos Apalaches: o alce.

Os alces são conhecidos como uma “espécie guarda-chuva”. Devido ao seu extenso habitat e às suas necessidades, sua proteção beneficia muitas espécies que também vivem em seus vastos habitats, incluindo algumas ameaçadas e em perigo de extinção, como pássaros canoros, flores silvestres, peixes e insetos.

No final da década de 1870, os últimos alces orientais dos Apalaches foram mortos devido à caça e à perda de habitat causada pelo desmatamento e mineração de carvão. Embora os esforços de repovoamento de alces nos Apalaches tenham começado em 1913, nenhum foi bem-sucedido até cerca de 25 anos atrás. Hoje, mais de 15.000 alces Manitoban e Rocky Mountain podem ser encontrados vagando pela região.

Na Virgínia, a recente aquisição da propriedade Baker Tracts de 1.100 acres pela TNC levou à colaboração entre o estado e várias organizações de conservação locais e nacionais para ajudar a transformar antigas minas de superfície em habitat de qualidade para os alces. No Kentucky, a TNC fez parceria com o Departamento de Pesca e Vida Selvagem do estado e com a Rocky Mountain Elk Foundation para facilitar melhorias nos habitats que revitalizaram a população de animais selvagens em todo o estado.



Mas a reintrodução de alces não é apenas crucial para a conservação da biodiversidade dos Apalaches; também ajuda a sustentar as pessoas e a economia da região. Nos Apalaches, as comunidades obtêm enormes retornos financeiros com a caça e observação de alces. Em Kentucky, por exemplo, as economias locais se beneficiam do turismo; hotéis, restaurantes e lojas de artigos esportivos, juntos, geram mais de US\$5 milhões em impacto econômico todo ano. À medida que os esforços de restauração e as populações de alces se expandem, os benefícios econômicos também aumentam.

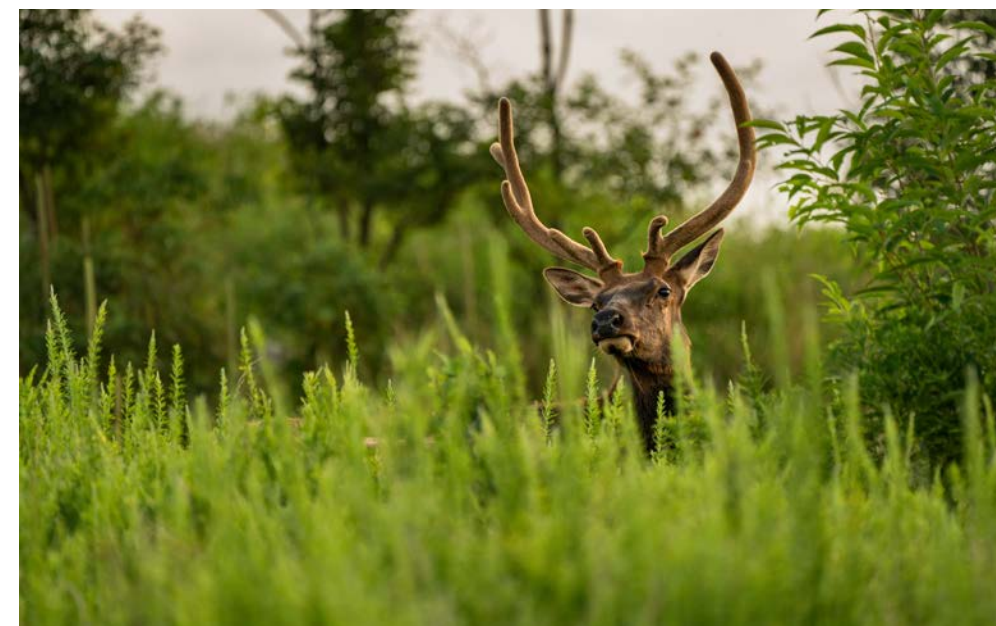
O trabalho de guarda-chuva dos alces não para por aí. Além de apoiar a biodiversidade e as economias locais, a reabilitação dos habitats dos alces ajuda a reduzir a erosão que afeta as bacias hidrográficas locais e a estabelecer um grande número de plantas que sequestram carbono e ajudam a combater as mudanças climáticas.

Uma extensão natural do trabalho da TNC no Apalaches, a iniciativa America the Beautiful, da administração Biden, visa conservar e restaurar 30% das terras e águas do país até 2030, para garantir a prosperidade econômica e a saúde das comunidades nos Estados Unidos. Os esforços para restaurar os alces nos Apalaches são um exemplo de como uma ação ousada e coletiva pode ajudar a criar economias diversas e resilientes com base no manejo sustentável da terra, ecoturismo e recreação ao ar livre.



**O retorno dos alces à paisagem dos Apalaches estimulou esforços para criar e manter as condições florestais iniciais que melhoram significativamente a qualidade do habitat para alces, veados-de-cauda-branca, galos silvestres, perus selvagens e pássaros migratórios. Igualmente importante, o retorno do animal à paisagem dos Apalaches resultou diretamente em amplos projetos de proteção da terra que aumentaram significativamente o acesso público para caçadores e usuários não-consumidores.**

- STEVEN DOBEY, Conservation Program Manager, Rocky Mountain Elk Foundation



© STEVEN DAVID JOHNSON



© KENT MASON



**Proteger as terras e águas das  
quais toda a vida depende.**

Para saber mais sobre as estratégias da TNC e conhecer nossas soluções para alguns dos desafios mais complexos que as pessoas e o planeta enfrentam hoje, visite [tnc.org.br](https://tnc.org.br)